

ENTREVISTA COM UM ADVOGADO AUTISTA

Engels Bandeira da Silva*

Francisco Thomaz Telles*

RESUMO: O presente trabalho/artigo visa buscar o entendimento sobre as dificuldades que sofrem as pessoas autistas. A entrevista pessoal, na qual o entrevistador advogado Francisco Thomaz Telles faz perguntas ao entrevistado Engels Bandeira da Silva, advogado e pessoa autista, visa esclarecer diversas questões sob o olhar de uma pessoa que está dentro do espectro. As questões abordadas buscam ajudar outras pessoas dentro do espectro autista no mercado de trabalho, no ensino superior, além de alertar sobre a importância do diagnóstico precoce.

Palavras-chave: Autismo. Pessoa. Diagnóstico. Trabalho. Entrevista.

Francisco: Engels, gostaria que você se apresentasse primeiramente e em seguida falasse quais foram as suas maiores dificuldades na infância.

Engels: Bom, primeiramente me chamo Engels Bandeira da Silva, tenho 26 anos, sou advogado e sou uma pessoa autista; estou militando pela causa da neurodiversidade.

A minha maior dificuldade no período da infância foi falar, aprendi a falar somente aos 5 anos. Poucas pessoas acreditavam que eu iria progredir, porém com muito esforço fui conseguindo; poucas pessoas acreditavam que eu iria me formar no ensino médio e hoje tenho ensino superior com a carteira da OAB e quero fazer concurso público.

* Bacharel em Direito pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos desde 2016, e Advogado do escritório Bandeira e Silva Advogados desde 2017.

* Advogado, vice-presidente da Comissão Especial dos Direitos da Pessoa com Deficiência da OAB/RS, membro da Comissão Especial de Defesa dos Direitos da Pessoa com Autismo do CFOAB.

Francisco: Você de alguma maneira já sofreu algum preconceito por ser uma pessoa autista?

Engels: Sim, e muito, principalmente na escola, tenho um problema grave de coordenação motora fina, por esse motivo sofria muito preconceito, principalmente na prática de esportes. Já no ensino médio o maior preconceito que sofri, a meu ver, foi em relação à minha ingenuidade: sempre era o último a entender certas piadas; hoje em dia já entendo melhor figuras de linguagem. Também sofria preconceito pelo meu jeito de me vestir no início da carreira como advogado e de andar, bem como pela minha voz que é mais devagar.

Francisco: Falando do seu período escolar, você tinha algum tipo de dificuldade de aprendizagem?

Engels: Como dito anteriormente, tenho dificuldade de interpretar figuras de linguagens, então tenho muita dificuldade de interpretar texto, desde sempre até agora. Meu maior medo de fazer concurso público são as questões de interpretações de textos. Além desse fato, sempre tive dificuldade em organização, desde a escola até os dias de hoje no trabalho; esse meu problema de organização é devido à disfunção executiva que tenho, que é constantemente confundida com desleixo ou preguiça.

Francisco: Com que idade você teve seu diagnóstico de autismo e qual foi a sua reação e a de seus familiares com a descoberta?

Engels: Bom, eu sempre me achei diferente, tive diagnósticos diversos, o mais comum Transtorno Obsessivo Compulsivo – TOC. Sempre acreditei que tinha algo diferente em mim, porque sempre tive questões inexplicáveis como interesses restritos, alguns momentos de dificuldades de relações interpessoais, meus movimentos repetitivos, e sempre tive o rótulo de preguiçoso, o qual nunca acreditei. Em minhas pesquisas acreditava firmemente que era disléxico, até que com 24 anos fui novamente a uma médica em Porto Alegre que na primeira consulta afirmou que eu era autista. Inicialmente não acreditei, por tanta

desinformação sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Me achava a pior pessoa do mundo, entrei em depressão, mas depois passou. Me formei com 22 anos e já tinha passado na prova da OAB. Acreditava que eu era incapaz de tudo, hoje vejo que não.

A reação da minha família não foi de surpresa, todos sabiam que eu era uma pessoa diferente, minha mãe faleceu em julho de 2019 e eu consegui meu diagnóstico em maio de 2019. Fiquei tranquilo que minha mãe faleceu sabendo o que eu tinha e entendendo o motivo da minha diferença.

Francisco: Pelo que pude observar, a falta do diagnóstico correto trouxe alguns prejuízos à sua vida, quais foram os principais?

Engels: Os principais prejuízos que tive com a falta de diagnóstico precoce foram que adquiri ao longo do tempo depressão e ansiedade. Muitas pessoas autistas adquirem depressão e ansiedade justamente por não saberem o porquê são diferentes, o porquê agem de determinada forma, e isso vai gerando determinadas comorbidades que poderiam ser evitadas se os primeiros sinais de autismo fossem notados. É interessante perceber que o índice de suicídio de pessoas autistas é maior que o de pessoas neurotípicas, algo que poderia ser evitado com o tratamento correto.

Francisco: O que você nota de diferente no comportamento entre pessoas com TEA do sexo masculino e feminino?

Engels: Sim, o autismo é um espectro, por isso se chama Transtorno do Espectro Autista, dessa forma nenhum autista é igual ao outro. Mas pegando essa questão da diferença de comportamento de autistas homens e mulheres, a grande maioria das mulheres autistas agem por imitação, o que tende a dificultar o diagnóstico, sendo muitas vezes chamadas apenas de tímidas ou introvertidas. Já no caso do autismo masculino a grande maioria dos homens não agem por imitação, porém há exceções, em ambos os casos. No meu caso específico sempre imitei comportamento de pessoas não autistas para me encaixar, entretanto nunca podemos generalizar.

Francisco: O autismo é dividido em três graus: leve, moderado e severo. Na sua visão, quais são as maiores dificuldades enfrentadas pelas pessoas autistas de graus 2 e 3?

Engels: Estou em diversos grupos sobre o autismo no Facebook e pelo que noto as maiores dificuldades são enfrentadas pelas famílias de baixa renda. Tratamento adequado, medicamentos, escolas, que muitas vezes negam a matrícula dizendo que faltam professores especializados. A própria segurança dessas pessoas quando o cuidador falecer, essas são com certeza as maiores preocupações que percebo nos grupos de pais e mães de autistas.

Francisco: Na sua profissão como advogado, quais são as maiores dificuldades que você vem enfrentando?

Engels: Minhas maiores dificuldades em relação ao trabalho têm a ver com a organização por conta da disfunção executiva. Os prazos são algo extremamente difícil para acompanhar. Também no início tive bastante dificuldade em realizar as audiências, porém agora aos poucos estou conseguindo. Outra dificuldade que tenho é a agitação do escritório em que trabalho, não consigo fazer mais de uma coisa por vez. Se estou fazendo uma petição, não consigo atender um cliente. Para fazer algo bem feito, preciso fazer somente uma coisa por vez.

Francisco: Sua vida mudou bastante depois do diagnóstico de autismo?

Engels: Sim, inicialmente como disse entrei em depressão, mas depois foi libertador, porque finalmente entendi as minhas dificuldades em relacionamentos anteriores e minhas dificuldades no trabalho. Antes nunca tinha conseguido me firmar num emprego. Hoje por causa do diagnóstico sei das minhas limitações e dificuldades e agora consigo advogar. É uma pena que nem todas as pessoas autistas tenham as mesmas oportunidades que eu tive.

Francisco: O que te ajudou a entender e aceitar melhor o diagnóstico de autismo em sua vida?

Engels: Bom, essa resposta vai ser longa, mas a primeira coisa que me ajudou foi a terapia, pois estava em um longo período de depressão, inclusive pela perda da minha mãe. A psicoterapia me ajudou muito, inclusive eu saí por conta própria uns dois meses atrás e quase tive uma recaída. Então é muito importante sair da terapia somente quando o(a) psicólogo(a) concordar. Além disso, os próprios grupos de pessoas autistas foram fundamentais. Aliás, todos os seres humanos deveriam fazer terapia, é algo maravilhoso! Além disso o contato com outras pessoas autistas em grupos de Facebook e WhatsApp foram fundamentais para buscar me entender. Nesses grupos compartilhamos nossas dificuldades e isso nos fortalece.

Francisco: Quais são os seus maiores desafios para o futuro e quais são suas expectativas?

Engels: Meu maior desafio é continuar lutando contra o preconceito. Sempre sentia que sofria e sofro preconceito, mas hoje eu sei o porquê. Além disso, continuar trabalhando, com as devidas limitações necessárias, que me ajudam na organização, mas que me ajudaram a chegar aonde estou, pois apesar de ter me formado em Direito jamais me imaginava advogando, ou quem sabe sendo juiz um dia. Hoje já consigo me ver fazendo isso, e minha maior alegria é saber que com certeza estou dando orgulho para minha mãe.